

Bula
Cão Mulato/Canis mutatis
Viralata In Progress

Edson Barrus

Bisavós do Cão Mulato (Puro Sangue)

fêmeas: Afghan hound - Fox Terrier

machos: Basenji- Spitz da Pomerânia - Dachshund- Mastin Napolitano

1º cruzamento (1/2 sangue)

Produção dos Avós do Cão Mulato

Dashshund x Fox x Spitz
macho fêmea macho

100 %Fox X 100% Dashshund 100%Fox X 100%Spitz

A= 50%Fox + 50%Dashshund B= 50%Fox + 50%Spitz

Mastin x Afghan x Basenji
macho fêmea macho

100%Afghan X 100% Mastin 100%Afghan X 100%Basenji

C= 50% Afghan + 50% Mastin D= 50% Afghan + 50% Basenji

2º cruzamento (1/4 de Sangue)

Pai e Mãe do Cão Mulato

50% Afghan + 50% Basenji
fêmea D

X

50% Fox + 50% Spitz
macho B

E=25%A+25%B+25%F+25%S

50% Afghan + 50% Mastin
fêmea C

X

50% Fox + 50% Dashshund

macho A

G= 25%A + 25%F + 25%M + 25%D

C= 50% Afghan + 50% Mastin

X

B= 50% Fox + 50% Spitz

F= 25%A + 25%M + 25%F + 25%S

D= 50% Afghan + 50% Basenji

X

A= 50% Fox + 50% Dashshund

H= 25%A + 25%F + 25%B + 25%D

3º cruzamento : cão mulato e irmãos (1/8 Sangue)

F= 25%A + 25%M + 25%F + 25%S

E= 25%A + 25%B + 25%F + 25%S

I= 25%A + 12,5%M + 12,5%B + 25%F + 25%S

F= 25%A + 25%M + 25%F + 25%S

G = 25%A + 25%F + 25%M + 25%D

J= 25%A + 25%F + 25%M + 12,5%S + 12,5%D

G= 25%A + 25%F + 25%M + 25%D

H= 25%A + 25%F + 25%B + 25%D

L= 25%A + 25%F + 12,5%M + 12,5%B + 25%D

E= 25%A + 25%B + 25%F + 25%S (macho)

G= 25%A + 25%F + 25%M + 25%D (fêmea)

M= 25%A + 25%F + 12,5%M + 12,5%D + 12,5%B + 12,5%S

Cão Mulato = 1/4 A + 1/4F + 1/8M + 1/8 D + 1/8B + 1/8S

Cão Mulato 2.0

Produzir um cão vira-lata geneticamente. O objetivo da fase atual do Projeto Cão Mulato é realizar a modelização 3D de um cachorro mestiço de quarta geração através do cruzamento de seis raças e fazê-lo existir em realidade virtual, retornando sempre em potência de gerar diferenças. Programar a visualização destes resultados utilizando os algoritmos de modelização que produzam as imagens resultantes desses cruzamentos, para criar descendentes “mulatos” diferentes a cada geração. Os genes são ferramentas de produção dessa hereditariedade numérica para chegar à virtualidade mulata. Ou seja, utilizaremos as técnicas de simulação e de Vida Artificial que permitem usar a metáfora algorítmica dos genes para otimizar, a partir de uma fórmula, o processo da mulatação associando genes determinados (ou vários genes) a uma característica fenotípica, ou seja, a natureza visível e manifesta do indivíduo na forma do corpo, cor dos olhos, textura da pele; observando-se, como o cruzamento desses “operadores genéticos”, tendo como parâmetros as raças determinadas da fórmula, produzem os descendentes híbridos.

“Puxou a cor do bisavô”: essa expressão remete à idéia de camuflagem, onde a forma se esconde... retorna. Uma característica que pode, às vezes, estar presente nesta geração mas desaparecer em gerações futuras e reaparecer bem posteriormente. Não há nitidez nenhuma na mulatação que se produz em eventos singulares e plenos de potencialidades: nem suficientemente negro, nem suficientemente branco, nem suficientemente índio, nem suficientemente asiático. Perdem-se todas as identidades originais no tumulto da mulatação. A ambigüidade é o seu traço característico problematizador de quaisquer classificações. O genoma mulato é um genoma virtual, uma mistura não homogênea, uma matriz diferente em si mesma e diferenciadora em seu efeito. Atualizar-se, para ele, é precisamente diferenciar-se em novidades genéticas inauditas, pois todos os genes são afetados, muitas vezes com efeitos imprevisíveis nas suas cópias mulatas; cópias diferentes. Mesmo se a sua atualização é estruturalmente idêntica, o efeito pode ser diferente; não existe mulato padrão, o mulato é a diluição de outros em outros, sem meio nem fim.

Nos genomas selvagens que não sofreram mutações perturbadoras, a mulatação desencadeia um aumento da mutabilidade desses sistemas não modificados, produzindo turbulências e ativando complexos mecanismos para produzir a diversidade. O vira-lata é um processo turbulento que promove variadas taxas de mutações dos “sistemas enrijecidos” e o conceito de ‘raça pura’ a que nos referimos são os genomas fixos, que se repetem por gerações e gerações. A natureza

manipulável dos cães, onde até o mais dessemelhante casal é capaz de ter filhos, evidencia o poder dos genes, em que cada raça é uma linhagem gênica isolada, revelando a diversidade anatômica e comportamental promovida pelos criadores e celebrada nas exposições de cães. Nem todos os cães de uma mesma raça têm a mesma aparência ou o mesmo comportamento, mas em geral os indivíduos de cada uma têm muito mais em comum entre si do que com espécimes de outras raças.

A eleição de um produto de quarta geração, geneticamente misturado e ambíguo, como um modelo de reprodução, enfatiza um interesse de pensar este campo de construção e manipulação do modelo mulato como um “campo de embaralhamento” de sangues e de características físicas e comportamentais, misturando e diluindo essas normas específicas. Permanecer na virtualidade, sempre por vir, liberando a diferença a cada repetição, não escolhendo nenhum dos campos, variando continuamente, embaralhando os campos de visualidade (vista, aspecto cambiante, miragem) e da visibilidade (tornar visível).

O cão mulato se desvincula de lugares, desalojando-se dessas origens específicas, e flutua livremente em uma gama de diferentes fenômas, cada qual apelando a diferentes partes do genoma, dentre as quais se produz uma multiplicidade. Pensar a mulatação como um ‘dispositivo discursivo’ que apresenta a diferença como potência singular curiosa. A mistura de origens, em vez de ser interpretada como um obstáculo ao conceito de identidade, alarga o campo das identidades, ativando-se e proliferando-se em novas posições de identificação, e rearranja as distâncias nela assinaladas. Esse caráter posicional e conjuntural, traduzindo o modo como a classificação e a diferença estão entrelaçadas ou articuladas em atualizações diferentes, alimenta o efeito pluralizante da mulatação produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, flexibilizando-se em fenômas mais plurais; sujeitando as identidades às representações de diferença, impossibilitando que elas sejam reclassificadas como unitárias ou “puras”.

A mulatação não é sinônimo de igualdade, mas esse ‘elemento de conformação’ impede sistemas ideais de eliminação controlada. Ou deveria impedir a transformação da produção constante de diferença em obstáculo, pois a diferença é o desregramento mulato, é o “obstáculo epistemológico” para qualquer discurso de afirmação racial. E interessa muito mais pensar os obstáculos do que entrar na corrente do discurso que elimina a diferença. Não existe mulato puro nem padrão mulato. Existe sim o mulato que é o tal, potência específica que se revela no ambiente dado. Isto não tem nada a ver com o elogio da “boa mistura” e nem do “vigor híbrido”, mas o direcionamento da atenção para a força positiva da misci-

genação enquanto operação de desclassificação do discurso purista. A imagem do hibridismo constitutivo de nossas culturas com a questão da mestiçagem na sua conformação original, numa perspectiva de compreensão da diversidade através da mulatação como agente degenerador, desequilibra as hierarquias raciais operando a decadência do pré-conceito equilibrado pela idéia de “boa raça”.

Atravessada por diferentes genes e produzindo-se em atualizações genômicas diversas, a visibilidade mulata mantém-se permanentemente aberta, ocultando relações distanciadas determinantes de sua natureza. Os fenómenos mulatos são penetrados e moldados por influências gênicas portadoras de sua própria probabilidade de mutação, desarticulando os pedigrees estáveis e abrindo possibilidades de novas articulações. Flutuantes e impermanentes, esses genes enfatizam a produção de diferença e o pluralismo fenotípico. Suas atualizações são pequenas variações que ocorrem especificamente na seqüência de pares de base do DNA, e contribuem para a variação singular dos traços, dispersando/desalojando/desvinculando para sempre os genes do seu genoma original; “esquizogens” que negociam posições entre diferentes possibilidades no novo genoma em que se produz, retirando a sua potência ao mesmo tempo de variados genomas e retirando ao mesmo tempo a problemática da repetição do seu atrelamento à semelhança, à analogia, a identidade. A multiplicidade originando-se na própria multiplicidade e emergindo-se em fenómenos em transição, resultantes desses cruzamentos e misturas.

Tocar o cão mulato

A hereditariedade misturada é imagem operacional e resume-se a tratamentos de informações os organismos e máquinas; é o “modelo” para duplicar por outros meios os processos biológicos da mulatação. Neste projeto, a evolução da vida e a evolução da informática passam a ser análogas. O corpo virtual do cachorro pode ser desmontado e ser reconstituído, ser animado, programado para interagir com simulações e até ser navegado através de hipermídia. Desenvolvendo a informática para criar a vida artificial partindo da corporização do ser vivo como metodologia, então, é necessário partir do fenômeno vivo e da fisiologia, a fim de obter a sua melhor representação. É efetuar a retro-engenharia do corpo canino, vê-lo ao interior, modelá-lo, fazer simulações de suas diferentes regiões - compreender os seus princípios de funcionamento e aplicar estas informações construindo modelos e simulações operacionais. Considerando o seu organismo como um “complexo de ferramentas”, isto é, como técnica, tratamos o seu corpo como padrão informacional que todos aprendemos a manipulá-lo, suprimimos as

demarcações entre a existência corporal e simulação de computador, de mecanismo cibernético e de organismo biológico.

Com a possibilidade tecnológica de criar ovários e espermatozoides, dos quais produzir clones... um robô, um verdadeiro clone de cão, o cão mesmo. A única representação precisa do cão mulato é um verdadeiro clone de cachorro baseado no Genoma Cão Mulato; qualquer outra representação é inexata, contendo simplificações. Ou seja, a sua virtualização não é ainda o verdadeiro cachorro, mas trata-se do seu modelo representacional associado à modelagem do banco de dados de seu genótipo, como um conjunto de genes que um cão possui e que pode ser representado. Para explorar e construir uma modelização virtual 3D do Cão Mulato, pensar um modelo de personalização maleável que traduza os conceitos de assimilação e de diferenciação contidas na idéia da mulatação, considerando a base bioquímica dessas diferenças.

Um modelo que torne possível explorar a mudança de comportamento quando os diferentes aspectos da estrutura-cão são alterados. Com meios de visualização adequados e com as aplicações técnicas suficientemente poderosas para fazer os cálculos e com os equipamentos para construir uma modelização virtual que permita à pessoa ver em 3D e manter a virtualidade mulata como potência; pensar este campo de construção e manipulação do modelo mulato como um “campo entrópico” de sangues e características físicas e comportamentais, misturando e diluindo normas específicas em formas de vida fabricadas artificialmente numa modalidade virtual e na perspectiva de sua aptidão à mutação. Penetrar no cão e direcionar o seu desdobramento, indo diretamente ao código de sua molaridade, decompô-lo em genes, recombiná-los produzindo cães mulatos e comercializar o produto final - ou o processo de transformação em si mesmo, em qualquer uma de suas etapas, como potência de mescla e recombinação.

Não somente nos inspiramos na Biologia, mas tomamos as suas descobertas como o ponto de partida. Os fundamentos do Melhoramento Animal são utilizados não para melhorar qualquer qualidade/função/gosto (zootécnico), mas para obter produtos visuais e meta-problematizadores da sua condição e validade. Para selecionar esta lista de características faz-se necessário pesquisar os estudos já realizados neste domínio, para conceber a partir dos documentos existentes (livros, maquetes, planos sobre o genoma das raças) a realização 3D dessa relação algorítmica. A morfologia animal compreendida como um fluxo é utilizada, então, como dado metafísico. O cão mulato é uma obra de vigilância, uma crítica inventiva que supervisiona a arte e a ciência juntas, com desconfiança. Invenção meta-irônica que interroga as normas estabelecidas sobre a pergunta que ironiza

numa posição vigilante frente ao estado de coisas e a situação da imagem no multiculturalismo.

Para a experiência do tocar o cão em tempo real, criar uma realidade virtual aumentada simulando a sensação do tato a fim de modelar o tocar e permitir a uma pessoa ter uma atividade sensório-motora e cognitiva num mundo numérico; fazer sentir a impressão de tocar o corpo do cão com periféricos hápticos que dão a sensação de toque sobre o cachorro virtual.

O cão visível

Engenheirar o corpo do cão ou transformá-lo em imagens: para determinar o fenoma do cão, devemos mapear a topografia da espécie canina, traçando a sua própria morfologia, a anatomia macroscópica do corpo gerador como base de dados; enquanto o Genoma nos possibilitará escrever atenciosamente a microestrutura desta espécie, as instruções genéticas que são responsáveis pela construção e definição das formas do corpo. Nessas duas atividades, de determinar o fenoma e o genoma do cão, os seus limites como espécie, são estabelecidos como base de dados informacionais; em um arranjo espacial e gráfico que age como um arquivo digital. Transformando o seu corpo num pacote de informação, eliminando o suporte carnal e preservando apenas a sua essência informática, ver-se-á o devir parir um cão mulato. O computador ele mesmo, estabelece as condições materiais de possibilidade para as duas cartografias, e os exemplos representativos do corpo do cão são traduzidos nos termos que podem ser reconhecidos e executados pelo cálculo. Como informações genéticas ou visuais, estas duas cartografias caninas, fornecem um mapa de um corpo normativo ordenável conforme as capacidades de arranjo e tratamento de informações do computador.

Incorporado na cultura sob a forma de conhecimento e de sentido, o genoma já preparado do objeto técnico sob medidas, o cão mulato corresponde a um sistema aberto de exigências. A sua circulação como produto a ser aprovado ou não pela instituição estatal ou privada permite negociar sua validação institucional como mecanismo necessário para que ele se dê enquanto obra. Essa necessidade de ser bancado pela instituição determina sua realidade de projétil. A instituição aqui não se refere mais aos salões e concursos habituais da arte, mas à universidade e às instituições científicas estatais e/ou privadas. E o projeto de arte pode ser apresentado em formato adequadamente dirigido a esses alvos, reorientando o argumento da disposição dessas obras no espaço da instituição. Proponho a instituição uma parceria na produção de um objeto que negocia antecipadamente sua

condição de arte. Essa negociação fortalece politicamente o Cão Mulato, uma vez que sua validação social se dá como decisão coletiva.

A partir da Fórmula de produzir um cão mestiço de quarta geração pelo cruzamento de seis raças, programar a visualização destes resultados utilizando algoritmos que induzem as imagens resultantes desses cruzamentos; criando assim descendentes “mulatos” diferentes a cada geração. Muitos vira-latas cão mulato como Barack Obama, de DNA mestiço: “só metade africano”, como declarou o diretor da Ku Klux Klan Thomas Robb, e + 1/4 de europeu talvez e +12,5 % asiático e/ou americano = uma soma que nunca reúna suas partes num todo. Pois um mestiço é uma composição heterogênea que “puxa” isto de A e isto de B, que puxa isto de C e aquilo de D, um reservatório de singularidades em variação contínua, como se o genoma se produzisse fugindo de tudo, desorganizando tudo o que o quer atrelar, seja a uma nação, a uma identidade ou a uma etnia.

Ele não é “um dos nossos”, como reconheceu Sarah Palin, pois ele=mulato é um disparate, abrindo-se aos devires vagabundos, embaralhando códigos em uma onda de desiguais e diferentes, recusando e complicando as classificações binárias fixas numa virtualidade já real construindo-se deriva ao acaso dos encontros na mobilidade da vida.

/genesquizo/algo no funcionamento do genoma que é puro desfuncionamento/um pedaço gênico/singularidade numérica/nômade/anônima/livre/atravesa homens-plantas-animais/fragmento de DNA/multiplicidade heterogênea e descontínua/transversaliza tanto os tecidos quanto as espécies/errante/indefinido/não corresponde a nenhuma definição universal de gene/não é atribuível a qualquer função boa ou ruim/gene reduzido ao silêncio/com fronteiras obscuras/confuso/incompreensível/neutro/pura potência/consiste em algum evento singular que ocorre no cromossomo/uma excitação qualquer o produz indomável/um devir informe/se-conecta-se por todos os lados/não tem frente/não tem atrás/não tem cima nem baixo/somente lados conectáveis/esquizoGENesquizo/encaixa-se/genESQUIZOgen/conecta-se um aos outros/conecta-se com todo pedaço de DNA bem como com toda e qualquer entidade que atue na atividade genética/suspende qualquer relação possível de designação e significação/sempre-produzindo alterações mínimas no âmbito do genoma/acelera/inibe o funcionamento do genoma/mutações que se acumulam sem produzir efeitos imediatos e são transmitidas para a prole/outro mecanismo que evolui a partir das forças internas do movimento térmico que o DNA está continuamente exposto e que assegura a instabilidade mecânica do genoma modificando naturalmente o DNA/produzindo genes instáveis como dinâmica para a sua própria faculdade de mutabilidade/fator operativo no

desenvolvimento do próprio código/a excitação de um átomo da estrutura de DNA desequilibra as ligações mútuas de átomos em uma configuração essencialmente diferente dos mesmos átomos/os mesmos átomos são re-arranjados de maneira diferente no ritmo das muitas mutações/mutação sobre mutação/sobremutações geradoras de outras mutações que entram-e-saem do genoma/disjunção prazerosa de estender-se em todas as possibilidades/de ser o conjunto de todas as combinações possíveis/afasta-se dos outros e divide-se nele mesmo/inseparável da multiplicidade que o define/suas diferenças cruciais está no modo como são orientados e não nos genes em si/feito de direções moveis/é apenas um meio por onde ele cresce e transborda/sem remeter a uma unidade ou dela derivar/lança-se num espaço de simultaneidades/sem começo nem fim/com pouco ou nenhum efeito detectável mas que isoladamente altera um elemento posicional redirecionando o funcionamento da célula/ modificando o momento da expressão de um gene/adquirindo a identidade de um segmento visinho/o ligar-e-desligar de pedaços de DNA que ativam outros pedaços/que ativam outros genes/e assim por diante ativando toda a fita linear codificada composta de 4 letras/confundindo a pressuposta identidade dos segmentos gênicos/desinibidos/os mesmos pedaços de DNA se reorganizando para atuarem de maneiras diferentes/o processo esquizofrênico é o próprio fluxo genético dos organismos/Esquizo/do grego schizein=fender/separar/esquizogenez/esquizo/esse determinado trecho de DNA se espraiando em ambas as direções é um gene virtual/de tamanhos variados/abertos/não totalizáveis/em estado parcial/fragmentário/seus próprios elementos são diferentes entre si/diferenças na seqüência de As, Ts, Gs, e Cs num pedaço de DNA/podem ser associadas a diferenças nas seqüência de aminoácidos das proteínas/mutação silenciosa/uma diferença mais do que singela na seqüência de DNA/efetua pequenas alterações na seqüência dos seus aminoácidos/a inserção ou supressão de uma única base resulta num deslocamento estrutural, embaralhando todo o código a partir desse ponto/a alteração de um único aminoácido que seja produz-se efeitos sobre as propriedades da proteína/eventos monoatômicos aleatórios que não chegam a ter muita importância nos processos biologicamente relevantes/variações pequenas/descontínuas e acidentais que emigram de um genoma e incorporam-se a outros genomas/DNA estranho deslocado de uma espécie para outra insere-se aos pedaços a n átomos de distância de algum ponto em particular na cadeia de DNA de qualquer genoma/pedaço de DNA em mero estado de potencialidade/um pedaço de DNA não deixa de ser um pedaço de DNA/com as mesmas propriedades químicas a despeito de sua origem/uma seqüência de DNA de dupla direção que é a mesma molécula básica/não importa se está numa bactéria/não importa se está num vírus/

não importa se está numa planta ou animal/quebra as fronteiras entre as espécies/ pedaços de DNA podem passar de toda e qualquer criatura à outra permitindo que a espécie recipiente adquira informações genéticas/numéricas que não recebera ao nascer/efeitos colaterais de reações químicas normais no interior da célula/ pedaço de DNA que incorpora informações no seu curso importando pedaços de DNA extracromossômicos (plasmídeos) e mesmo de fora da célula/bem como o perde/transformando-se permanentemente/DNA que replica essas informações da mesma maneira como faz com materiais genéticos herdados da própria célula/não trata-se do gene da esquizofrenia, mas da condição esquizofrênica do próprio DNA/segmentado em pedaços/ diferem pedaço-a-pedaço/genes esquivos/sem função natural ideal ou específica/com milhões de átomos desempenhando papéis diferenciados uns dos outros/reagindo as influências de múltiplos fatores ligados à vida/desativando algumas funções químicas e ativando outras/sendo receptivo a estímulos externos e o portador de sua própria probabilidade de mutação/o gene já não é mais um termo para designar o material hipotético portador de uma característica hereditária definida/esquizogen/

Popgenética

“É o que a mídia passou a chamar de “gene da gramática”. Essa frase de James Watson, comentando o gene FOXP2, sugere que o DNA tornou-se um assunto que foge da exclusividade dos cientistas. As discussões sobre o DNA saíram dos livros de biologia para o cotidiano de todos: estão nas prateleiras de supermercados com os alimentos transgênicos e passam pelos tribunais, com testes genéticos para identificar criminosos e determinar paternidades. Além das intermináveis discussões éticas que a clonagem e a produção seletiva das características dos filhos. Interessam aos cientistas, mas também ao grande público.

GATTACA, filme de 1997, é a genética no cinema, que você pode ver no DVD em casa. Genética em YouTube, nos anexos culturais, em revistas e jornais impressos e eletrônicos, a Ciência 2.0: A expansão da Genética para fora dos laboratórios e a sua inserção cada vez mais forte no contexto da própria vida diária, cessando de ser restringida à uma elite e virando moda, a ciência cessa de interessar como disciplina que excedia a prática histórica, e pelo contrário, começa a interessar como conhecimento cultural-natural estabelecido simultaneamente na facticidade material e contingência históricas; isto é, a ciência e os cientistas como produtos culturais dos seus tempos, são tratados por conseguinte com língua acessível pela mídia, que de tal maneira quanto os cientistas a compreendem.

Desde a década de 70, quando as descobertas da genética se projetaram em golpes publicitários e econômicos espetaculares e passaram a produzir questionamentos sobre os desdobramentos desse ramo espetacular da ciência, a genética, pela via da mídia, sai do domínio dos especialistas e do campo dos laboratórios para transformar-se em assunto de massa. O público leigo, desconfiado e despreparado para compreender as complexidades que a própria ciência começava a interessar-se, penetra nessa prática e torna-se seu consumidor potencial, fazendo uso dos benefícios que ela promete e das possibilidades de escolher as características para os seus filhos. Apesar das implicações éticas que tudo isso pode gerar, e talvez por isso mesmo, a relação passiva do público leigo, transforma-se numa participação interessada, ativa e negociada. Já tem gente convivendo com um clone em casa.

Em biologia acadêmica, tradicionalmente, tudo que importava era precedência; está sendo recompensada com renome e respeito pelos pares. Na década de 80, com o advento da biotecnologia, ocorreriam mudanças na relação entre ciência e negócios; e a biologia tornou-se um campo onde circula muito dinheiro, fazendo surgir uma “nova” mentalidade: os cientistas são incluídos na elite do *establishment* consagrando os meios de comunicação a conjugar as notícias científicas com aquelas de caráter social mais próprias aos sucessos. Esta linha de “sucesso-ciência” está marcando - e marcou - a atualidade informativa na mídia e também os laboratórios. E é uma ferramenta de persuasão poderosa para promover os programas de pesquisas e assegurar os financiamentos, mas também, e sobretudo, para vender os produtos de uma indústria biotecnológica em expansão.

No “laboratório” de Barrus as técnicas mais avançadas de reprodução tanto da vida quanto da imagem precisam conviver ironicamente com a precariedade, o bricolage, a viração, as máquinas rudimentares e a “carga” simbólica que caracterizam a nossa pesquisa no campo da ciência e no da arte. Original e cópia, reprodução sexuada e clonagem, virtualidade e atualidade, simulação e criação são processados no limite entre razão e irracionalidade - em vez de tentar aplicar as regras da biotecnologia na arte como pretende simploriamente a “art transgênique”, Barrus se interroga sobre as próprias condições de possibilidade de um diálogo entre os campos. (Laymert Garcia dos Santos, in: Configurações. Rede de Tensão. São Paulo: Paço das Artes, 2002)

O Projeto Cão Mulato é apoiado pelo CNPQ-Brasil dentro do doutorado de Edson Barrus em “Subjetividades Contemporâneas” na PUC-São Paulo, sob a orientação de Suely Rolnik.

A Universidade de Tecnologia de Belfort-Montbéliard (UTBM) põe ao serviço desta pesquisa e o seu desenvolvimento todos os instrumentos de programação e visualização de protótipo 3D a disposição do projeto. O Espaço Multimédia Gantner participa financeiramente no projeto sob forma de emolumentos do pesquisador programador e estagiários que acompanham a pesquisa de Projeto no âmbito do laboratório SET (Laboratoire Systèmes et Transports) e na plataforma de realidade virtual UTBM sob a direção de Olivier Lamotte, também coordenador de Inteligência Artificial do Projeto Cão Mulato.

Estagiários UTBM: Thomas Neveu e Vincent Ducheler

mulato < mulatação < mestiçagem < mistura < misto = desqualificado = não pode chamar-se = não se põe na ordem = não se pode distribuir em classes e/ou grupos segundo sistema ou método de classificação = desarrumado = que, ou aquele que não teve classificação = não tachável = desaprovado = não é possível de colocá-lo no sistema de classificação animal e reconhecer o seu nome científico universal = que ou aquele que é indigno da consideração social = indivíduo sem vergonha = desacreditado = desclassificado = sem raça determinada = informe = cão de rua = X-tudo = Vira-lata

■.....**Edson Barrus** é artista multimídia com exposições e publicações no Brasil e exterior; é doutorando do Núcleo de Subjetividades Contemporâneas da PUC-São Paulo, onde desenvolve Pesquisa de Tese Cão Mulato 2.0, junto ao Programa da Pós-Graduação em Psicologia Clínica dessa Universidade, com financiamento do CNPq-Brasil.



Resenhas
